

O JOGO NA PERSPECTIVA DE WALLON: *Pensamento Introdutório*

*Iara R. Damiani de Oliveira**

RESUMO ABSTRACT

Este ensaio objetiva introduzir, mesmo que sinteticamente, o pensamento de Wallon frente às condições materiais do desenvolvimento infantil, envolvendo entre outros elementos de construção biopsicossocial da criança, o jogo e o movimento.

This essay aims at introducing, even though briefly, Wallon's thought regarding the material condition of children development, involving among other elements that form the bio-psychosocial aspects of a child, the game and the movement.

* Iara Regina Damiani de Oliveira, profª. do Departamento de Metodologia Desportiva e membro do Núcleo de Estudos Pedagógicos em Educação Física, Centro de Desportos, UFSC



Este ensaio tem como objetivo apresentar algumas idéias, pensamento sobre o jogo, na concepção psicológica do desenvolvimento infantil, segundo Henri Wallon. Esta apresentação está fundamentada, principalmente, na sua obra denominada “A evolução psicológica da criança”,¹ onde o autor analisa o jogo entre as atividades da criança e sua evolução mental. A idéia de escrever este ensaio surgiu frente as leituras efetuadas sobre o desenvolvimento infantil, onde se destaca as obras de Piaget com maior influência nos estudos educacionais - também na Educação Física -. No entanto, muito pouco se conhece em nossa área acadêmica o pensamento de Wallon frente ao desenvolvimento bio-psicossocial da criança e suas implicações. Para tal, pretende-se com esta contribuição aguçar pesquisas, estudos, investigações que possibilitem dar continuidade ao que vem sendo desenvolvido na Educação Física, frente aos aspectos pedagógicos, psicológicos, sociais... que envolvem o estudo da criança, principalmente no âmbito escolar.

Sobre Wallon

Este psicogeneticista francês buscou não só descrever o desenvolvimento da criança como também explicar este desenvolvimento, mais precisamente o psicomotor, através dos estágios: impulsivo, emocional, sensorio-motor e projetivo, tendo, posteriormente, apresentado as síndromes psicomotoras.

Assim, seu método - baseado no materialismo dialético, contestando os dualismos: biológico-social, homem-sociedade, corpo-alma, psíquico-motor - insere-se em estudar as condições materiais do desenvolvimento da criança, ou seja, tanto biológicas como sociais, e ver como se constrói um novo plano de realidade, envolvendo o movimento, a emoção, a inteligência e a personalidade. Para a função motora e, principalmente, para a tonicidade, Wallon procura dar um sentido humano, sendo o tônus não meramente um estado de tensão onde concentra-se a contração muscular, mas, sobretudo, ele é também atitudes, posturas. As atitudes, em conformidade com seus estados de bem-estar, de indisposição, de necessidade, constituem a infra-estrutura das emoções.² Também o movimento é para Wallon, o elemento primordial que contribui para a elaboração do pensamento da criança, contrapondo-se ao conceito de que o movimento diz respeito às manifestações mecânicas e neurológicas.

“O movimento é de natureza social, pois é por ele e através dele que se processa, provoca e detona a maturação do sistema nervoso da criança, que é, no seu acabamento e formação-individual, função do misto das relações e correlações entre a ação e a sua representação. Movimento que é abstração pensada e pensamento que é resultado das relações entre o biológico e o sociológico, tanto mais que o motivo de um comportamento é a própria sociedade”³

Sobre o Jogo

Para Wallon, a denominação dada aos jogos como de ficção, de aquisição, de fabricação, por exemplo, estão relacionadas à visão de que o jogo é para o adulto. No entanto, para o autor, ele é antes de tudo, lazer e daí sua oposição para a seriedade existente no mundo do trabalho. Porém, este contraste não deve existir para a criança, pois ela ainda não trabalha e o jogo se constitui toda sua atividade.

No jogo pode exigir esforços, mesmo que contrapondo-se ao trabalho cotidiano, que possibilitam libertar quantidades de energia muito mais consideráveis do que aquelas necessárias numa atividade rotineira obrigatória. Nestes casos temos as competições esportivas ou outras realizadas de modo isolado, mas livremente. Não há atividades, por mais árduas que sejam, que não possam servir de motivo para o jogo. Muitos deles têm em vista a dificuldade, porém, salienta Wallon, é necessário que esta seja considerada em si mesma.

“Os temas que o jogo se propõe não devem ter razão fora de si mesmos. Pode aplicar-se ao jogo a definição que Kant deu da arte: ‘uma finalidade sem fim’, uma realização que não tende a realizar nada para além de si mesma. Desde que uma atividade se torne utilitária e se subordine como meio a um fim, perde o atrativo e o caráter do jogo”.⁴

Explosão de atividades são os registros que ocorrem no transcorrer do desenvolvimento da criança e que, por

algum tempo, parecem absorvê-la quase totalmente, tirando todos os proveitos possíveis. Alguns jogos aos quais a colaboração entre as crianças ou a tradição deram uma forma bem definida, poderiam servir de testes. No perpasso das idades, eles apontam para o surgimento de variadas funções: funções sensório-motoras- as provas de destreza, de precisão, de rapidez, bem como de classificação intelectual e de reação diferenciada; funções de articulação, de memória verbal, de enumeração ou pequenas fórmulas que elas aprendem tão ávidamente no contato com outras crianças; funções de sociabilidade, nos jogos em equipes, grupos, em que há distribuição dos papéis.

Referindo-se à teoria freudiana do instinto sexual *oulibido*, destaca Wallon que o seu maior mérito está no chamamento que faz à ficção presente no jogo. Com a ficção, diz ele, “introduz-se na vida mental o uso de simulacros, que são a transição necessária entre o indício, ainda ligado à coisa, e o símbolo, suporte das puras combinações intelectuais. Ajudando a criança a transpor este limiar, o jogo desempenha um papel importante na sua evolução psíquica”.⁵ A ficção é elemento constitutivo do jogo, pois ela é o oposto da realidade. Estudos têm demonstrado que a criança não se deixa iludir com os simulacros (imitações, disfarces) que faz. Se por acaso está brincando de “comidinha” com pedaços de papel, sabe, perfeitamente, que ao denominá-los de iguarias, estes permanecem sendo pedaços de papel.

Segundo Wallon, ela se diverte com sua livre fantasia e com a ingenuidade conivente que às vezes depara no

adulto. Isto porque, ao fingir que acredita, sobrepõe aos demais uma nova ficção que a diverte.

*“Diz-se que a criança não cessa de alternar a ficção com a observação. Na realidade, se não as confunde, como por vezes parece, também não as dissocia. Ora absorvida por uma ora por outra, nunca se desprende completamente de uma na presença da outra. Não deixa de as entrelaçar uma na outra. As suas observações não estão ao abrigo das suas ficções, mas as suas ficções estão saturadas das suas observações”.*⁶

No que diz respeito às regras, a necessidade de colocá-las está em não tornar o jogo monótono ou enfadonho. Entretanto, obedecer às regras gratuitamente está distante de ser absoluto, definitivo; “a sua observância pode ter por efeito a supressão do jogo que elas foram feitas para alimentar; porque se é verdade que o seu significado procede das atividades que elas regulam, elas podem também, inversamente, contribuir para lhe retirar o seu caráter de jogo”.⁷ As regras podem também, dar a impressão duma necessidade exterior, quando elas são o código imposto por todos a cada um, nos jogos em comum. A criança, que ainda não discerne entre as causalidades objetiva e voluntária, entre as obrigações que são inevitáveis e as que são consentidas, utiliza-se das fraudes para poder se esquivar. Assim, corta o jogo pela raiz e nega-o no seu princípio. Na realidade, assinala Wallon, tende só a deslocá-lo, substituindo um objetivo por

outro. Em outras circunstâncias as regras do jogo são às vezes a organização do acaso e compensam assim o que o simples exercício das aptidões poderia ter de demasiado regular e de demasiado monótono. Ele é o antídoto do destino cotidiano e contribui para dele subtrair o jogo, misturando, assim, aos prazeres funcionais um certo sabor de aventura. No entanto, se há um exagero de sua parte ou se se mantém isolado, mais uma vez elimina-se o jogo e o jogador passa a conhecer tão somente a angústia da espera.

Sobre a imitação, ela se torna, para as crianças mais novas, regra dos jogos, pois possibilita o acesso ao concreto, ao vivo, uma vez que compreende pela assimilação de outra pessoa a si e de si a outra. Prende-se nas pessoas que mais aprecia, naquelas que interessam os seus sentimentos, naquelas que desafiam uma atração, sem que sua afeição esteja ausente. No entanto, ao mesmo tempo, ela transforma-se nestas pessoas, imaginando-se querer estar no lugar delas, apesar de completamente ocupada com o que está fazendo. Isto emerge, também, sentimentos de hostilidade que passa a ter com a pessoa imitada e da qual não consegue eliminar, cuja superioridade continua muitas vezes a sentir e a quem, em seguida, quer mal pela resistência às suas necessidades de domínio e de preferir a si própria.

Outro sentimento, de rivalidade, que a criança pode sentir pelas pessoas que imita explica as tendências antiadultas, que ela demonstra nos seus jogos. Muitas vezes persegue-as às escondidas, como se corresse o risco de que elas denunciassem as substituições por

de personalidade que são, em imaginação, o instrumento. Sem dúvida, diz Wallon, “o seu caráter mais ou menos clandestino não é muitas vezes mais que um meio de defesa contra a censura ou a condescendência dos adultos, que limitariam a sua livre fantasia ou o crédito que a criança quer poder atribuir-lhes. O seu mundo privado deve ser protegido das curiosidades ou das intervenções intempestivas. Porém, ao caráter secreto dos jogos vem muitas vezes juntar-se a agressividade”.⁸ Esta, por sua vez, vem geralmente acompanhada de culpabilidade. Quando brincam de “papai e mamãe” ou de “marido e mulher”, buscam reproduzir gestos e ações destes; no entanto, sua curiosidade faz com que queiram sentir os motivos daquilo que imitam e, sem ter conhecimento disto, recorrem à experiência pessoal. “Não há ainda muito tempo que o objeto preferido das suas explorações era o próprio corpo, depois o do outro, segundo a *transferência* do subjetivo para o objetivo e a procura de reciprocidade, que são um processo constante da evolução psíquica da criança”.⁹

Acrescentaria, para continuar a reflexão, que o jogo, também deve propiciar espaços de liberdade, caracterizando-se pela contestação e criatividade. Isto propicia discernir entre o real e o fictício, o lazer e o trabalho...

Notas

- ¹ Wallon, 1968
- ² Zazzo, op. cit.
- ³ Mendes e Fonseca, 1977:35
- ⁴ Wallon, op.cit. p.77
- ⁵ Op. cit. p.85
- ⁶ Op. cit. p.89
- ⁷ Op. cit. p.86
- ⁸ Op. cit. p.90
- ⁹ Op. cit. p.91

Bibliografia

- FERNANDES, Florestan (Coord.). *Henri Wallon*. São Paulo : Editora Ática, 1986.
- LA TAILLE, Yves de. *Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo : Summus, 1992.
- MENDES, Nelson e FONSECA, Vitor da. *Escola, escola, quem és tu*. Lisboa : Básica Editora, 1977.
- TRAN-THONG. *Estádios e conceito de estádio de desenvolvimento da criança na psicologia contemporânea*. 2.ed., 1º vol., Afrontamento, Porto, 1987.
- WALLON, Henri. *A evolução psicológica da criança*. Lisboa : Edições 70, 1968.
- _____. *Psicologia e educação da infância*. Lisboa : Editorial Estampa, 1975.